

META-AVALIAÇÃO DE DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR

MÔNICA PICCIONE GOMES RIOS
Centro Universitário de Santo André – Uni-A
acinompiccione@yahoo.com.br

A avaliação tem despertado grande interesse no campo da educação. No atual cenário educacional, a avaliação tem sido incorporada como propulsora de mudanças, distanciando-se de sua função tautológica para aproximar-se de sua função formativa. Suas implicações sociais, políticas humanas e éticas pressupõe avanços na direção de ações que gerem melhorias, não se limitando simplesmente a detecção de uma situação ou condição.

Este trabalho refere-se à meta-avaliação¹, que consiste na avaliação da avaliação, de docentes, desenvolvida num Centro Universitário² localizado na região do ABC. Trata-se de uma instituição universitária privada que tem crescido por meio da criação de novos cursos, atendendo as necessidades do mercado, estabelecendo convênios e parcerias, o que tem caracterizado iniciativas pioneiras entre as instituições da região.

A avaliação de docentes está incorporada a um processo de auto-avaliação institucional.

Em 1996 foi criado na referida Instituição o Núcleo de Avaliação Institucional, denominado Núcleo de Avaliação e Apoio Didático-Pedagógico, sob a minha coordenação, com o objetivo de auto-avaliação institucional.

A partir do ano de 2000 a Instituição adotou uma política de contratação de professores que prioriza a titulação, de mestres e doutores. A Instituição tem percebido que títulos não garantem uma formação pedagógica sólida. Assim, as iniciativas do núcleo de avaliação e apoio didático-pedagógico, que visa contribuir para o aperfeiçoamento dos professores têm sido apoiadas pela Comissão Permanente de Avaliação, o que denota credibilidade nas ações interventoras e na formação contínua dos docentes. Este apoio demonstra que a Instituição valoriza o corpo docente, pois tem investido nessa direção.

¹ Segundo Scriven (1969), meta-avaliação é avaliação do valor e do mérito de uma avaliação.

² As Faculdades Integradas, a partir de 2000, passaram a ser Centro Universitário. O Centro Universitário mantém atualmente os cursos de Direito, Letras, Pedagogia, Psicologia, Normal Superior, Formação de Professores da Educação Básica, Terapia Ocupacional e Enfermagem na Faculdade de Educação; Administração com diversas habilitações, Comércio Exterior, Secretariado Executivo, Publicidade e Comunicação Empresarial e Gestão Ambiental e Prevenção de Acidentes, além de Gestão em várias áreas, na Faculdade de Administração; Processo de Produção, Microprocessadores e Automação Industrial, Web design, Design de Interiores, Telecomunicações na Faculdade de Tecnologia. Está situado na região do ABC Paulista e o perfil sócio econômico dos alunos corresponde à classe média e a faixa etária oscila entre 18 e 55 anos.

O propósito formativo da avaliação de docentes tem sido consolidado pelas ações destinadas a contribuir para o professor aperfeiçoar a sua prática. Tais ações incluem indicação de cursos que o professor pode fazer na própria Instituição, oferecidos pelo Centro de Pós-Graduação em Educação; orientações individualizadas não só no momento da comunicação dos resultados das avaliações, mas sempre que o professor sentir necessidade de recorrer ao Núcleo de Avaliação e encontros pedagógicos de natureza diversificada.

Desde o início do processo houve a preocupação com o desenvolvimento de uma cultura de avaliação que oportunizasse ao professor refletir sobre a melhoria do seu desempenho, considerando que uma prática consciente comprometida com a humanização e transformação social supõem exercício da práxis ação-reflexão-ação, que possibilita a autocrítica necessária ao aperfeiçoamento e à melhoria do ensino.

A construção da cultura de avaliação se intensificou gradativamente, à medida que o corpo docente constatou que a avaliação de desempenho tinha como objetivo orientar o professor, possibilitando a compreensão do seu desempenho no diálogo com a fundamentação teórica fornecida através de bibliografia indicada e cursos oferecidos, considerando-se os focos obstaculizadores dos processos de ensino e aprendizagem apontados pelos alunos, diretores e pelo próprio professor. O “processo de construção coletiva da avaliação resulta de sua convicção quanto ao caráter não punitivo impresso nesse ato” (SOUSA, 2002, p. 33).

Avaliar a avaliação de docentes tem relevância por várias razões. A primeira refere-se à divulgação de um processo de avaliação de docentes que embora venha gradativamente sendo implantada nas Instituições de Ensino Superior, há pouca publicação sobre o tema. A implantação do Programa de Avaliação Institucional das Universidades – Paiub, em 1993, desencadeou um processo crescente de auto-avaliação nas instituições.

Avaliar a avaliação de docentes é um problema inédito que não se constitui em objeto de pesquisa da bibliografia consultada, embora o termo meta-avaliação tenha sido utilizado por Scriven em 1969.

Julgo ainda, relevante esta pesquisa para a Instituição onde atuo, considerando que ela contribui para a reflexão crítica sobre a prática da avaliação, constituindo referencial de análise para a melhoria de qualidade do processo de avaliação de docentes.

Além dessas contribuições, esta pesquisa é, pessoalmente, relevante para a minha prática, pois atuando diretamente com avaliação de docentes, ao longo destes anos, tenho

buscado estudar e me atualizar sobre o assunto. Avaliar a avaliação de docentes constitui, portanto para mim necessidade e ao mesmo tempo prazer, articulados por um objetivo comum que é o de buscar o aperfeiçoamento contínuo e permanente da cultura avaliativa na Instituição em que trabalho. De acordo com Stufflebeam (1981, p. 47), “boa avaliação requer que o próprio processo de avaliação seja avaliado”.

Envolvidos com o processo de avaliação e com o olhar de avaliadores, necessitamos buscar respostas para questionamentos como:

- a avaliação dos docentes está contribuindo para o professor refletir sobre o seu desempenho e o ensino?
- O processo de comunicação dos resultados favorece a um repensar da prática pedagógica, tomando por base os pontos fortes e os fracos evidenciados?
- Como o professor percebe o processo de avaliação?
- Quais os aspectos da avaliação que necessitam ser melhorados ou como melhorar o processo de avaliação?
- As fontes utilizadas no processo avaliativo oferecem subsídios suficientes para avaliar o docente?

Essas reflexões contribuem para clarificar o problema em função do qual direcionei o meu estudo: Quais são os aspectos desenvolvidos e quais são os aspectos que necessitam ser desenvolvidos e/ou revistos no processo de avaliação dos docentes?

A fim de responder às questões que nortearam esta pesquisa, procedeu-se o estudo da META-AVALIAÇÃO DE DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR, buscando-se desencadear melhorias no processo avaliativo. Para desenvolver esta pesquisa coerente com a postura que venho assumindo, optei pela análise qualitativa que busca a compreensão particular daquilo que se estuda, buscando o significado das ações, das situações, das representações dos indivíduos, enfim daquilo que pode ser manifestado.

A pesquisa qualitativa não pressupõe um modelo único exclusivo e estandardizado de procedimentos e técnicas. É preciso selecionar e/ou criar uma metodologia adequada ao campo da pesquisa e às questões que pretende esclarecer.

A pesquisa (qualitativa) é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação (CHIZZOTTI, 1991, p. 85).

Para realizar a análise crítica pretendida resolvi utilizar a documentação organizada durante vários anos em que o processo de avaliação do docente tem sido desenvolvido:

- relatórios de avaliação dos docentes;
- relatórios de avaliação dos encontros pedagógicos;
- resultados da avaliação dos docentes dos cursos de Administração, Pedagogia e Letras, no período de 1997 a 2001.

Além da análise documental, abri espaço para dar vozes aos professores, principais atores de todo o processo avaliativo, através da técnica de grupo focal.

A principal preocupação foi a de coletar dados qualitativos sobre as opiniões, atitudes, valores, enfim, como os professores avaliam a avaliação.

As discussões foram orientadas pelas questões:

- qual a opinião de vocês sobre o processo de avaliação de docentes realizado na Instituição?
- Quais os aspectos que vocês consideram que devam ser melhorados?
- Como vocês percebem as ações de intervenção?
- Quais sugestões vocês dariam para aperfeiçoar o processo de avaliação?

O processo de meta-avaliação desenvolvido ao longo desse trabalho inclui os resultados obtidos ao longo do processo cujos dados foram coletados por meio de questionário aplicado aos alunos; a avaliação dos encontros pedagógicos oferecidos na instituição e as informações que foram coletadas sobre a opinião dos professores em relação às questões que foram orientadoras do grupo focal.

Ao realizar a avaliação da avaliação, constatei que as impressões positivas sobre o processo se sobressaíram às negativas. Isso não me colocou numa posição confortável, no sentido de gerar acomodação, ao contrário estimulou-me a prosseguir buscando sempre caminhos mais eficientes. Durante o processo da meta-avaliação preocupei-me em efetuar mudanças em função de aspectos apontados pelos professores, a fim de que fossem percebendo a importância de suas contribuições.

O processo de avaliação de docentes realizado na Instituição em questão tem contado com o apoio dos mantenedores desde seu início, o que tem contribuído para a criação e sustentação de uma cultura de avaliação. Esse apoio tem se manifestado em razão da criação de uma infra-estrutura compreendendo o tempo destinado para a realização

desse trabalho e a criação do Núcleo de Avaliação integrado por pessoas especializadas e experientes em avaliação.

A Instituição tem valorizado o trabalho do Núcleo de Avaliação e Apoio Didático-Pedagógico, sobretudo porque as Comissões Externas em visita à Instituição têm destacado os aspectos positivos do processo avaliativo. Porém, há dificuldades institucionais de difícil superação. Os obstáculos existentes não podem constituir fator de impedimento para realização do trabalho, tampouco podem ser considerados intransponíveis. A análise crítica da realidade favorece a compreensão e possibilita a realização do processo avaliativo nos limites de sua viabilidade.

A análise crítica dos resultados da avaliação dos docentes pelos alunos, da avaliação dos encontros pedagógicos pelos professores e das informações coletadas no grupo focal, permitiram-me constatar que:

- a avaliação de docentes realizada revelou-se coerente com os pressupostos teóricos que a orientaram, sendo percebida como um processo formativo com intenção e função educativas;
- foi caracterizada como um processo dinâmico, flexível, construído e modificado coletivamente em função das necessidades surgidas ao longo de seu desenvolvimento;
- constitui-se como uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento do professor, em função da discussão sobre os resultados obtidos por cada um, do trabalho desenvolvido nos encontros pedagógicos e nos seminários;
- todas essas atividades formadoras estimularam a reflexão e impulsionaram os professores a experimentarem novas práticas no cotidiano da sala de aula;
- os trabalhos com o coletivo dos professores foram importantes para problematizar e buscar soluções para as dificuldades identificadas pelo processo de avaliação docente;
- o clima democrático, no levantamento de problemas e soluções, facilitou em muito a interação interpessoal, a cooperação, solidariedade e produtividade dos alunos e os procedimentos relativos à avaliação;
- a consideração das diferenças e a transparência durante todo o processo avaliativo imprimiram credibilidade à avaliação;

- a discussão dos resultados da avaliação dos docentes pelos alunos, estimulou a auto-reflexão e a auto-avaliação, contribuindo para o professor perceber-se em construção;
- a oportunidade de conhecer os resultados e o clima estabelecido no processo de *feedback* permitiu ao professor sentir-se acolhido;
- as resistências, sempre esperadas em avaliação, em especial em avaliação de docentes, foram sendo superadas ao longo do processo;
- as professores solicitaram que o tempo entre a aplicação do questionário e a discussão dos resultados seja diminuído;
- nas informações coletadas não foram feitas referências aos *portfólios*, silêncio esse que indica uma revisão da sistemática que envolve esse procedimento de avaliação;
- o apoio institucional para a geração de uma cultura avaliativa tem sido fundamental para a realização do processo de avaliação docente. Para que esse trabalho que vem sendo realizado não se perca, e cada vez mais cresça em qualidade, necessário se faz melhorar as condições de infra-estrutura.

A partir da triangulação, levando em consideração os pontos mais significativos, articulados à comparação com as dimensões do Paradigma Crítico, eu considero que a meta-avaliação dos docentes foi produtiva para os professores e para mim.

A maior contribuição foi poder oferecer aos educadores um modelo operacional de avaliação de docentes fundamentado numa teoria crítica e numa postura formativa de avaliação.

A apreensão da avaliação formativa a partir de uma abordagem teórica, conjugada a uma prática vivenciada, possibilita ultrapassarmos a visão de que a avaliação formativa seja uma utopia, posto que:

A fundamentação científica das práticas e processos de avaliação passará notoriamente pela elucidação dos seus pressupostos, princípios, funções e funcionamento, através de um processo de análise e reflexão críticas que confrontem e articulem a teoria e a prática da própria avaliação em ação (RODRIGUES, 1995, p.105).

À luz da teoria e da minha prática vivenciada e avaliada, ratificamos o que aprendemos com Paulo Freire em relação às utopias. Tornar a utopia uma realidade depende das nossas esperanças que nos mobilizam.

A compreensão do estatuto e do sentido da avaliação formativa e de suas implicações no processo de construção do professor é um convite para que trilhem os

caminhos de uma avaliação com sentido formativo, tornando-a uma utopia possível e promissora.

O presente trabalho de meta-avaliação levou-me a profundas reflexões sobre o meu fazer, sobre a minha atuação no processo avaliativo que venho desenvolvendo na Instituição. A avaliação com propósito formativo desencadeia reflexão nos sujeitos da avaliação e no sujeito responsável pela avaliação, reiterando a relação dialética avaliador-avaliado.

Nesse exercício reflexivo, algumas lições foram aprendidas. Antes de discorrer e compartilhar as lições aprendidas sinto necessidade de expressar o quanto eu acredito nesse trabalho de avaliação que procuro fazer, buscando sempre caminhos com competência e ética. A vasta literatura sobre avaliação tem-me norteado na escolha desses caminhos. Porém, há um ingrediente que considero essencial para a realização desse trabalho. Trata-se da amorosidade de que tanto fala Paulo Freire. O amor que nós, professores, sentimos ao acompanhar o crescimento e o desenvolvimento dos nossos alunos, é o mesmo amor que sinto ao realizar esse trabalho. Dessa amorosidade advém o respeito, a compreensão, a tolerância, a generosidade na crença de que nós, enquanto seres inacabados, estamos nos construindo em percurso. Essa amorosidade gera em mim um compromisso, em função do qual eu me movo na direção de ações que potencializem a prática pedagógica dos docentes. Desse amor nasce a sensibilidade para respeitar o tempo de cada professor em consideração à sua singularidade.

Esse amor, cuja força é potencializadora, fortalece a minha convicção de que a avaliação formativa é solidária na medida que, ao acompanhar a qualidade do processo enquanto ele se desenvolve, está para o outro e nesse sentido a avaliação corresponde a ajudar o outro a melhorar. E, inexoravelmente, na medida que o outro cresce, se aperfeiçoa, é gerada uma corrente na qual todos crescem e se aperfeiçoam.

Os benefícios do aperfeiçoamento docente são refletidos na sala de aula, provocando melhorias na qualidade de ensino, atingindo assim os objetivos do processo avaliativo.

Num contexto de mudanças paradigmáticas, que desestabiliza as certezas oriundas da visão positivista de avaliação, tenho buscado um sentido educativo, cujo enfoque é crítico. Ao realizar a meta-avaliação e conseqüentemente transformá-la em objeto de estudo, pude constatar que essa busca não tem sido em vão, não se tratando apenas de uma intenção.

O propósito da avaliação docente que vem sendo realizada tem um significado formativo e se contrapõe à concepção classificatória de avaliação centrada no julgamento de resultados, buscando desencadear uma ação pedagógica reflexiva e ações de formação contínua. Dessa forma, está a serviço do crescimento e humanização das pessoas envolvidas, num movimento de construção coletiva da Instituição, tendo como horizonte sua função social. A avaliação “deve abrir espaços para trocas, confrontos, discussões, descobertas, privilegiando “cuidados participativos” em pequenos grupos ou convidando toda a comunidade universitária" (CAPPELLETTI, 1997, p. 98).

As lições que extrai desse trabalho podem constituir-se em embasamento para o meu próprio processo e para aqueles que pretendam iniciar-se em processos avaliativos ou mesmo para aqueles que já estejam inseridos na sistemática de avaliação.

Toda avaliação produz resultados desejados ou não. A questão é, que resultados foram produzidos pela avaliação de docentes? Com propósito formativo, desencadeado, a avaliação da docência melhorou os processos educativos e conseqüentemente acarretou implicações no currículo.

Ao desencadear a reflexão da prática pedagógica, a avaliação contribuiu para o professor problematizar e ressignificar a sua prática. Assim, a avaliação formativa estimulou o professor a desenvolver uma postura investigativa, levando-o a encontrar novos caminhos, seja no exercício de sua autonomia, seja na solicitação de ajuda visando à superação das dificuldades.

A conquista da autonomia é um processo individual, no qual as dimensões pessoais não podem ser descartadas. Mas, se por um lado o desenvolvimento da autonomia é individual, sua construção só se dá no coletivo, sendo, pois, um processo social no qual as relações intersubjetivas irão potencializá-la.

“Os professores somente se desenvolvem como profissionais à medida que, em processos sociais de construção, refletem solidariamente sobre sua prática, problematizam e buscam produzir os significados de seu trabalho” (DIAS SOBRINHO, 2003, p.172-173).

Como nos ensina Paulo Freire, só aprendemos a participar na medida em que participamos. Promover a participação da comunidade acadêmica é antes um exercício de democracia que contribui para a construção da cidadania. É a participação ativa das pessoas envolvidas na avaliação que potencia a melhoria do ensino.

A postura participativa dos docentes no processo de avaliação da Instituição, na minha experiência, tem sido determinante para a construção e fortalecimento da cultura avaliativa.

Essa cultura avaliativa formativa teve como fator primordial a formação contínua dos docentes. A formação dos docentes deve ser vista como complexa e abrangente. Sua essência é multidimensional, pois inclui as dimensões técnica, humana, política, social, ética e estética do saber, do saber-fazer e do saber-ser.

É certo que toda mobilização do corpo docente necessitou de referências básicas que constam do Plano de Desenvolvimento Institucional como a missão, objetivos, concepção, projetos, em síntese, a filosofia da Instituição.

As discussões sobre planejamento de ensino, metodologia, relações interpessoais, avaliação da aprendizagem, não podem se dar num vazio, desvinculadas da filosofia da Instituição. Esse é um diferencial que temos reconhecido como essencial no processo de formação dos docentes. Conhecer a filosofia da Instituição, potencia a autonomia dos professores quando propõe horizontes sem determinar caminhos, não só no seu aspecto individual, mas fundamentalmente no conjunto de professores, refletindo no trabalho pedagógico coletivo.

A avaliação educativa requer a construção coletiva de um pensamento sobre a filosofia educativa, em que emergem os questionamentos a respeito dos sentidos éticos, políticos, filosóficos, ou seja, profundamente humanos, que a Instituição em seu conjunto está produzindo em suas ações sociais e educativas (DIAS SOBRINHO e RISTOFF, 2003, p.41).

Sendo a formação o primado da avaliação formativa, quando se trata da avaliação de docentes, pensamos essa considerando os aspectos pedagógicos em suas multidimensões. Ao professor não basta dominar o conteúdo que ensina, a formação pedagógica que lhe possibilita conhecimentos didáticos, ampliando a visão sobre o processo educativo, as funções da educação e o papel social das Instituições de ensino, essenciais para a prática docente. A compreensão das relações entre escola e sociedade, ideologia e poder, tornam-se vitais para desencadear reflexões sobre o novo paradigma educacional que ressignifica o ensino e a aprendizagem.

O clima de confiança gerado em nossos encontros pedagógicos, permeado pela transparência, solidariedade, afetividade e rigorosidade, convidou os professores a compartilharem os impasses que vivem no seu cotidiano na sala de aula. Ao discutir no coletivo as certezas e incertezas, o professor passa a fazer descobertas num movimento

contínuo e crescente no qual vai se construindo. O professor aprende a pensar e repensar suas ações visando à formação dos seus alunos, conforme Barbier “Em formação, esta mudança é, na maior parte das vezes, uma ação de transformação dos indivíduos.” (1985, p.176).

As mudanças se originaram dos próprios professores, construindo-se na certeza/incerteza. Certezas advindas de vivências, experiências, leituras compartilhadas, olhares dos alunos que ajudam a iluminar a trajetória de cada docente, que ao ensinar, aprendem. Aprendem a ser, a ser mais, a ser mais, enquanto educadores.

Reconhecer a singularidade do professor é uma forma de otimizar o seu aperfeiçoamento e desenvolvimento. Ao compreender que cada professor é um ser único, que age em função de sua visão de homem, de mundo e das suas representações, o processo de intervenção deve considerar as idiossincrasias.

Além dos aspectos pessoais, a avaliação de docentes envolve a diversidade de professores da Instituição, engajados em cursos e disciplinas distintas. O professor, em cada curso e disciplina, em função de suas especificidades, necessita de competências para atuar, considerando as diferentes realidades. As situações de ensino, como o perfil dos alunos, o número excessivo de matriculados, o espaço físico reduzido, são fatores, entre outros, que influenciam nos caminhos a serem percorridos pelo docente.

A preservação de orientações didático-pedagógicas, em nível individual e coletivo, tem contribuído para o professor sentir liberdade para agir, na medida em que se sente seguro e respaldado em forma de leituras, discussões e troca de experiências a respeito da prática pedagógica. A perspectiva de emancipação se dá na construção da avaliação como exercício de metacognição. O professor tem que tomar consciência dos aspectos que necessita mudar e ter subsídios para como mudá-los. É a consciência do próprio processo de aperfeiçoamento que vai possibilitar ao professor o crescimento.

As intervenções visando à formação dos professores numa perspectiva libertadora resultam num processo de auto-regulação, estimulando o autodesenvolvimento e possibilidade do docente gerir suas ações e seu próprio aperfeiçoamento. Toda avaliação que se pretende formativa deve ser iniciada pela sensibilização, em função de envolver seres humanos. O processo de sensibilização contribui para fortalecer a credibilidade em relação ao processo avaliativo.

Por tratar-se de avaliação dos docentes, não basta que aos professores seja simplesmente anunciado que terá um processo de avaliação na Instituição ou que já fora

implantado tal processo. A sensibilização está, pois, relacionada à participação. É participando que o professor constata a intenção formativa e não punitiva da avaliação.

A forma de discussão dos resultados da avaliação com o professor constitui um dos aspectos mais importantes do Núcleo de Avaliação e tem contribuído para a sensibilização. Tem sido propiciado ao professor tomar conhecimento dos resultados da avaliação, num encontro individual, fortalecendo o exercício de metacognição, na medida em que o professor é convidado a refletir sobre os aspectos desenvolvidos e não desenvolvidos. No diálogo, consideramos juntos, à luz da teoria, cada um dos aspectos apontados, ajudando o professor a rever-se.

Ao dialogar individualmente com o professor sobre o resultado da avaliação é possível perceber necessidades reveladas pelo próprio docente, articuladas àquelas apontadas pelos alunos. A revelação dessas necessidades tem suscitado desejo de mudança e indicam a realização de encontros que visam a formação continuada dos docentes.

“Na medida em que os atos de avaliação dos agentes contribuem para formar ou influenciar o tipo de relação que os agentes avaliados mantêm com a sua própria identidade, existe uma relação direta entre avaliação e motivação” (BARBIER, 1985, p.158).

Ao disponibilizar os resultados estou ciente que podem ocorrer muitas reações. Quando a avaliação é positiva, os efeitos por certo serão motivadores, e quando negativas, os efeitos podem ser desestimulantes. Para que isso não ocorra, seja qual for a situação em que se encontre o professor, tenho buscado ajudá-lo no sentido de que utilize os resultados para se auto-avaliar e aperfeiçoar a sua ação. Nesse momento, fica explícito que no processo avaliativo não há sobreposição de poder e direito de avaliar, mas há co-responsabilidade, minha e do professor, de encontrarmos juntos novos caminhos para superação de práticas que necessitam ser revistas.

Essas responsabilidades estimulam a auto-avaliação. Nos encontros pedagógicos oferecidos na Instituição pelo Núcleo de Avaliação, é nítida a disposição de mudança de atitude por parte dos professores que interagem ao compartilhar suas experiências e vivências. Ao constatar que as ações formadoras atendem às suas necessidades, o professor sente-se realizado e vê na avaliação a possibilidade de crescimento. Esse diferencial ressalta a discussão ética da avaliação que constitui uma das lições mais importantes aprendidas nesse caminho e da qual advém a legitimidade e a credibilidade do processo avaliativo e da minha condição de avaliadora.

Há vários aspectos a serem destacados nessa dimensão. Porém, em função da minha experiência, destaco os que têm sido mais significativos no processo.

O primeiro deles refere-se ao sigilo em relação aos dados que obtenho e resultados de avaliação. Em um princípio de respeito ao outro, somente as avaliadoras e o digitador têm acesso aos dados coletados. Os resultados são discutidos individualmente com o professor. O uso dos resultados tem contribuído para a reflexão, aprendizagem e mudança do professor, constituindo-se “uma abertura para a afirmação das subjetividades, portanto, para a produção de sentidos dos sujeitos” (DIAS SOBRINHO, 2003, p.174).

Um outro aspecto a ser considerado é a troca de saberes que se estabeleceu não só no momento individual de discussão dos resultados, mas fundamentalmente, nos seminários e encontros pedagógicos. O aprimoramento da prática pedagógica favoreceu a apropriação do conhecimento pelos alunos, enquanto bem cultural. Nessa perspectiva, a avaliação dos docentes contribuiu para inovações curriculares, remetendo ao compromisso social de formação e conferindo ao processo avaliativo um sentido humano.

Há necessidade de ética porque há outro ser humano. Mas o outro, para a ética, não é apenas o outro imediato, próximo, com quem convivo, ou quem casualmente deparo. O outro está presente também no futuro (temporalidade) e está presente em qualquer lugar, mesmo que remoto (espacialidade) (CASALI, 2001, p.120-121).

Articular o olhar do professor ao meu próprio olhar significa potencializar em nível intelectual e prático a possibilidade de administrar os conflitos e tendências contraditórias de caráter epistemológico, técnico-científico, ético e político que enfrentamos no cotidiano desse processo.

Numa visão solidária, humana e profundamente ética, convido os leitores a refletirem sobre algumas questões que são fundantes na avaliação de docentes, tais como: para que avaliar? O que avaliar? Como avaliar? Avaliar a serviço de quem? Quem avalia quem? Em que contexto se dá o processo avaliativo?

E como todo trabalho, ao qual nos propomos, constitui-se em um processo dinâmico representativo da realidade social, este também não se pretende findar aqui. Nessa perspectiva, concordo com Eliot ao afirmar que “[...] haverá tempo [...] tempo para você e tempo para mim, e tempo ainda para uma centena de indecisões e para uma centena de visões e revisões [...]”.

Referências bibliográficas

- BARBIER, J. M. **A avaliação em formação**. Porto: Afrontamento, 1985.
- CASALI, A. Saberes e Procederes Escolares: O Singular, O Parcial, O Universal. In: SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. (Orgs.). **Conhecimento, Pesquisa e Educação**. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- CAPPELLETTI, I. F. **Avaliação Institucional**: processo de autocrítica e transformação. Revista da Associação Brasileira de mantenedores do Ensino Superior, Brasília, Ano 15, n. 21, p. 95-98, Outubro de 1997.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação**: políticas educacionais e reformas da educação superior. São Paulo: Cortez, 2003.
- DIAS SOBRINHO, J.; RISTOFF, D. I. (Orgs.). **Avaliação e compromisso público**: a educação superior em debate. Florianópolis: Insular, 2003.
- RODRIGUES, P. As Três “Lógicas” da Avaliação de Dispositivos Educativos. In: ESTRELA, A.; RODRIGUES, P. (Org.). **Para uma Fundamentação da Avaliação em Educação**. Lisboa: Colibri, 1995.
- SCRIVEN, M. Teacher selection. In: MILLMAN, J.; DARLING-HAMMOND, L. (Eds.). **The new handbook of teacher evaluation**: assessing elementary and secondary school teachers. Newbury Park: Corwin Press, Inc., p. 76-103, 1990.
- SOUSA, A. M. C. de. Avaliação Institucional para a Melhoria do Ensino e da Aprendizagem. In: FELTRAN, R. C. de S. (Org.). **Avaliação na Educação Superior**. Campinas: Papirus, 2002.
- STUFFLEBEAM, D. L. Metaevaluation: concepts, standards and uses. In: BERK, R. A. (Edit). **Education evaluation methodology**: the state of the art. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1981.